



*Congregação para o Clero*

Queridos amigos sacerdotes!

O *Dia Mundial de Oração pela Santificação Sacerdotal*, que será celebrado na iminente Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, oferece a ocasião para reflectirmos juntos sobre o dom do nosso ministério sacerdotal, partilhando a vossa solicitude pastoral por todos os crentes e pela humanidade inteira, e de modo específico pela porção do povo de Deus confiado aos vossos respectivos Ordinários, dos quais sois os mais preciosos colaboradores.

O tema que vem proposto este ano, «*O sacerdote, alimentado pela Palavra de Deus, é testemunha universal da caridade de Cristo*», coloca-se em sintonia com o recente Magistério de Bento XVI e, de modo particular, com a Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22.2.2007). Nela, o Santo Padre escreve: «Não podemos ter para nós o amor que celebramos no sacramento. Por sua natureza, ele pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é o amor de Deus, é encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso a Eucaristia não é só fonte e ápice da vida da Igreja; também é da sua missão: "Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária" (*Propositio 42*)» (n. 84).

## 1. Homem de Deus

### homem da missão

Levar Deus aos homens: esta é a missão essencial do sacerdote, missão que o ministro sagrado pode realizar porque, sendo escolhido por Deus, vive para Ele, e por Ele. O Santo Padre no seu Discurso à sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (13.5.2007) com o tema «Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida», disse, dirigindo-se aos sacerdotes: «Os primeiros promotores do *discipulado* e da *missão* são quantos foram chamados "para andar com Jesus e ser enviados a pregar" (cf. *Mc 3, 14*). ...O sacerdote deve ser antes de tudo um "homem de Deus" (*1 Tm 6, 11*) que conhece directamente Deus, que tem uma amizade profunda com Jesus, que partilha com os outros os mesmos sentimentos de Cristo (cf. *Fl 2, 5*). Só assim o sacerdote será capaz de conduzir os homens a Deus, encarnado em Jesus Cristo, e ser representante do seu amor» (n. 5).

Esta verdade é expressa o versículo de um salmo sacerdotal que outrora fazia parte do rito de admissão ao estado clerical: «*O Senhor é minha parte de herança e meu cálice: nas tuas mãos está a minha vida*» (*Sl 16, 5*). Do Deuterónimo (cf. 10, 9) sabemos que depois da tomada de posse da terra prometida, cada tribo era beneficiária – por sorteio – de uma porção da mesma, realizando-se assim a promessa divina feita a Abraão. Só a tribo de Levi não recebeu terreno algum porque a sua terra era o próprio Deus. A afirmação tinha certamente também um motivo prático: os sacerdotes não viviam, como as outras tribos, do cultivo da terra, mas das ofertas. Contudo a mesma afirmação do salmista é sinal e símbolo de uma realidade mais profunda: o verdadeiro fundamento da vida sacerdotal, o solo da

existência do sacerdote, a terra da sua vida é o próprio Deus. A Igreja viu nesta interpretação veterotestamentária a explicação do que significa a missão sacerdotal no seguimento dos Apóstolos e na comunhão com o próprio Cristo. Em relação a isto Bento XVI disse: «O sacerdote pode e deve dizer também hoje com o levita *«Dominus pars hereditatis meae et calicis mei»*. O próprio Deus é parte da minha terra, o fundamento interno e externo da minha existência. Esta teocentricidade da existência sacerdotal é tanto mais preciosa e deve ser evidenciada precisamente num mundo totalmente funcionalista, no qual tudo se funda em prestações calculáveis e verificáveis. O sacerdote deve verdadeiramente conhecer Deus a partir de dentro e fazer experiência dele e levá-lo aos homens: é este o serviço prioritário do qual a humanidade de hoje precisa» (*Discurso à Cúria Romana por ocasião dos votos de Natal, 22.12.2006*).

Se numa vida sacerdotal se perde esta centralidade de Deus, esvazia-se todo o fundamento do agir pastoral e no excesso do activismo corre-se o risco de perder o conteúdo e o sentido do serviço pastoral.

Então poderiam crescer protagonismo e extravagâncias desviantes. Em vez da substância teríamos substitutos. Correr-se-ia em vão, esgotando-se sem progredir.

Só os que aprenderam «a permanecer com Cristo» estão prontos para ser por Ele «convidados a evangelizar» com autenticidade (cf. *Mc 3, 14*). Um amor apaixonado por Cristo é o segredo de um anúncio convicto de Cristo. «Sê homem de oração antes de seres pregador», dizia Santo Agostinho (*De doctrina christiana, 4, 15, 32: PL 34, 100*), exortando os ministros ordenados a ser discípulos de oração na escola do Mestre.

A Igreja, ao celebrar a *Solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus*, convida todos os crentes a elevar o olhar de fé «para aquele que trespassaram» (*Jo 19, 37*), para o Coração de Cristo, sinal vivo e eloquente do amor invencível de Deus e fonte inexaurível de graça. Fá-lo, exortando os sacerdotes a procurar em si mesmos este *sinal*, enquanto depositários e administradores das riquezas do Coração de Cristo, e a derramar o amor misericordioso de Cristo sobre os outros, sobre todos.

Verdadeiramente «a caridade de Cristo nos constrange» (*2 Cor 5, 14*) escreve São Paulo. «Se queres amar Cristo, alarga a tua caridade a toda a terra, porque os membros de Cristo estão em todo o mundo», recorda-nos Santo Agostinho (*Comentário à I Carta de São João 10, 5*).

Por isso cada sacerdote deve ter um espírito missionário, isto é, espírito verdadeiramente «católico», deve «recomeçar a partir de Cristo» para se dirigir a todos, recordando-se de quanto afirmou o nosso Salvador que «quer que todos os homens sejam salvos e alcancem o conhecimento da verdade» (*1 Tm 2, 4-6*). O sacerdote é chamado a encontrar Cristo na oração, e a conhecê-lo e amá-lo também no caminho da Cruz, que é o caminho do activo e abnegado serviço da caridade. Só assim é provada e testemunhada a autenticidade do seu amor por Deus e é reflectido sobre todos o Rosto misericordioso de Cristo. «A beleza desta imagem resplandece em nós que somos em Cristo, quando nos mostramos homens bons nas obras», recorda-nos São Cirilo de Alexandria (*Tractatus ad Tiberium Diaconum socioque, II, in divi Johannis Evangelium*).

## **2. Para ser testemunha autêntica da caridade de Cristo na sociedade**

A missão que o sacerdote recebe na Ordenação não é um elemento exterior e justaposto à consagração, mas constitui o seu destino intrínseco e vital: «a consagração é para a missão» (João Paulo II Exortação Apost. *Pastores dabo vobis, 24*).

«Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se entre si: no mais humilde encontramos o

próprio Jesus e em Jesus encontramos Deus» escreveu o Santo Padre (Carta enc. *Deus caritas est*, 15). Na Eucaristia – que é o tesouro inestimável da Igreja – de modo particular, fazendo-nos generosos ministros do *Pão de vida eterna*, somos convidados sempre a contemplar a beleza e a profundidade do mistério do amor de Cristo e a derramar o ímpeto do seu Coração apaixonado sobre todos os homens sem distinção, sobretudo sobre os pobres e os débeis, sobre os mais pobres entre os pobres que são os pecadores, num ininterrupto, humilde e na maior parte das vezes escondido serviço de caridade.

É parte constitutiva da forma eucarística da existência sacerdotal a tensão missionária. Em relação a isto o Santo Padre escreve: «A primeira e fundamental missão que nos vem dos santos Mestres que celebramos é dar testemunho com a nossa vida. O enlevo pelo dom que Deus nos fez em Cristo imprime à nossa existência um dinamismo novo comprometendo-nos a ser testemunhas do seu amor. Tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas acções, palavras e modo de ser, Outro surge e se comunica» (Exort. Apost. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 85).

O sacerdote é chamado a fazer-se «pão repartido para a vida do mundo», a servir todos com o amor de Cristo que nos amou «até ao fim»: assim a Eucaristia torna-se na vida sacerdotal o que ela significa na celebração. O Sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente.

Cada sacerdote sinta em si mesmo a urgência de ser realmente realizador de justiça e de solidariedade entre os homens: diante deles, o sacerdote é chamado a testemunhar o próprio Cristo. *Alimentados pela Palavra de vida*, os sacerdotes não podem permanecer à margem da luta pela defesa e pela proclamação da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos universais e inalienáveis. A propósito, escreveu Bento XVI: «Precisamente em virtude do Mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa individualmente» (*Ibid.*, 89).

Descobriremos o verdadeiro sentido do *amoris officium*, daquela caridade pastoral da qual fala Santo Agostinho (*In Iohannis Evangelium Tractatus* 123, 5: CCL 36, 687): a Igreja, como Esposa de Cristo, deseja ser amada pelo sacerdote do modo total e exclusivo com que o próprio Cristo, Cabeça e Esposo a amou. Compreenderemos a motivação teológica da lei eclesiástica sobre o celibato na Igreja Latina e do seu vínculo de conveniência profundíssima com a Ordenação sagrada: como dom inestimável de Deus, como singular participação na paternidade de Deus e na fecundidade da Igreja, como formidável energia missionária, como amor maior, como testemunho ao mundo do reino escatológico. O celibato, acolhido com decisão livre e amorosa, torna-se dom de si em e com Cristo à sua Igreja e expressa o serviço do sacerdote à Igreja em e com o Senhor (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 16; João Paulo II, Exort. apost. *Pastores dabo vobis*, n. 29).

Podemos perguntar: mas quais são estes âmbitos do testemunho sacerdotal da caridade de Cristo?

a) Antes de tudo, a *missão*, o *Kerigma* e a *catequese*; as catequeses dos jovens e dos adultos, dos próximos e dos distantes. Nela transmite-se de forma completa e clara a mensagem de Cristo. Nos tempos actuais é urgente um conhecimento adequado da fé, como está sintetizada no *Catecismo da Igreja Católica*, com o seu *Compêndio*.

Trata-se de não poupar esforços para ir à procura dos católicos que se afastaram e dos que pouco ou nada conhecem de Cristo. A este propósito, Bento XVI dirigindo-se aos Bispos do Brasil recentemente disse: «Faz parte da catequese essencial também a educação nas virtudes pessoais e sociais do cristão, assim como a educação para a responsabilidade social... Devemos ser fiéis servidores da Palavra, sem visões redutivas nem

confusões na missão que nos é confiada. Não basta observar a realidade a partir da fé pessoal; é necessário trabalhar com o Evangelho nas mãos e ancorados na autêntica herança da Tradição apostólica, sem interpretações motivadas por ideologias racionalistas» (*Discurso no Encontro e Celebração das Vésperas com os Bispos do Brasil*, 11.5.2007, nn. 4 e 5).

Neste campo não são suficientes os lugares tradicionais da catequese – lições, conferências ou cursos de Bíblia e teologia – mas é necessário abrir-se aos outros novos *areópagos* da cultura global: além da imprensa, da rádio e da televisão, dever-se-á recorrer em maior medida ao correio electrónico, aos sites da internet, às *pages*, às vídeo-conferências, e a muitos outros sistemas recentes, para comunicar eficazmente o *kerigma* a um grande número de pessoas. A mesma presença, também externa, da pastoral, com uma atitude consequente ao próprio «ser» deve constituir uma catequese para todos. Por vezes talvez tenhamos subestimado demasiado este aspecto que o povo mostra apreciar e que, se é expressão de conteúdos, não constitui formalismos mas forma adequada para veicular a substância.

b) Outro âmbito deste testemunho é a *promoção das instituições eclesiais de beneficência* que, a vários níveis, podem desempenhar um precioso serviço em relação aos mais necessitados e débeis. «Se as pessoas que encontramos vivem numa situação de pobreza, é preciso ajudá-las como faziam as primitivas comunidades cristãs, praticando a solidariedade porque se sentiam verdadeiramente amadas», recordou recentemente o Pontífice no Encontro acima mencionado (Bento XVI, *ibid.*, n. 3).

«Devemos denunciar quem esbanja as riquezas da terra, provocando desigualdades que bradam aos céus (cf. *Tg* 5, 4)», escreveu Bento XVI e prosseguiu afirmando: «O Senhor Jesus, Pão de vida eterna, estimula-nos e torna-nos atentos às situações de indigência em que ainda se encontra grande parte da humanidade: são situações cuja causa exige com frequência uma clara e preocupante responsabilidade dos homens» (Exort. Apost. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 90).

c) *O apoio da cultura da vida*. Em toda a parte, os sacerdotes, em comunhão com os seus Ordinários, são chamados a promover uma cultura da vida que permita, como afirmava Paulo VI «passar da miséria à posse do necessário, da aquisição da cultura... à cooperação do bem comum... até ao reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus que é a sua fonte e fim» (Carta enc. *Populorum progressio*, 21). A este propósito será necessário pôr em evidência, na formação dos fiéis leigos, que o desenvolvimento autêntico deve ser *integral*, isto é, orientado para a promoção de todo o homem e de todos os homens, sugerindo aqueles meios necessários para suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens.

d) *A formação dos fiéis leigos*. Eles, formados na escola da Eucaristia, serão cada vez mais exortados a assumir directamente as suas responsabilidades políticas e sociais em coerência motivada com o próprio baptismo. Todos os homens e mulheres baptizados devem tomar consciência de que foram configurados na Igreja com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, por meio do sacerdócio comum dos fiéis. Eles devem sentir-se co-responsáveis na construção da sociedade segundo os critérios do Evangelho e, em particular, segundo a doutrina social da Igreja. «Esta doutrina, maturada durante toda a história da Igreja, caracteriza-se pelo realismo e equilíbrio, ajudando assim a evitar desviantes compromissos ou utopias vazias» (Bento XVI, Exort. Apost. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 91).

Como recordou várias vezes o Magistério petrino, aos fiéis leigos incumbe a especial responsabilidade de transformar as *estruturas injustas* e de erigir *as justas*, sem as quais uma sociedade justa não se pode reger, produzindo o consentimento necessário sobre os

valores morais e a força para viver segundo o modelo destes valores (cf. Bento XVI, *Discurso à sessão inaugural da V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, n. 4).

e) *O apoio à família*. Todos os sacerdotes, são chamados a amparar a família cristã promovendo de diversos modos, segundo os diferentes carismas vocacionais e a missão que vos foi confiada, uma adequada e orgânica *pastoral familiar* nas respectivas comunidades eclesiais (cf. João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, n. 47). Importância particular tem a necessidade de defender o valor da unicidade do matrimônio, como união para toda a vida entre um homem e uma mulher, na qual, como marido e mulher, eles participam na amorosa obra da criação de Deus.

Infelizmente numerosas doutrinas políticas e correntes de pensamento continuam a fomentar uma cultura que fere a dignidade do homem, ignorando ou comprometendo, em diversas medidas, a verdade sobre o matrimônio e sobre a família. O sacerdote deve proclamar em nome de Cristo, sem se cansar, que a família, como formadora da pessoa por excelência, é indispensável para uma verdadeira «ecologia humana» (cf. João Paulo II, *Centesimus annus*, 39).

### 3. Alegre por elevar

#### **o cálice da salvação e invocar o nome do Senhor (cf. Sl 115, 12-13)**

João Paulo II na sua Carta aos sacerdotes para a Quinta-Feira Santa de 2002, exclamava: «Que vocação maravilhosa é a nossa, meus queridos irmãos sacerdotes! Verdaderamente podemos repetir com o Salmista: «*Que darei eu ao Senhor por todos os Seus benefícios? Elevarei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor*» (Sl 115, 12-13).

Este cálice é o *cálice da bênção* (cf. 1 Cor 10, 16), o *cálice da nova aliança* (cf. Lc 22, 20; 1 Cor 11, 25).

São Basílio comenta a este propósito: «*Que darei eu ao Senhor? Não sacrifícios, nem holocaustos... mas toda a minha própria vida. Por isso diz o salmista: Elevarei o cálice da salvação, chamando cálice o sofrimento no combate espiritual, a resistência ao pecado até à morte*» (*Homilia sobre o Salmo 115: PG XXX, 109*).

Como experimentaram tantos santos sacerdotes no cumprimento heróico do seu ministério, assim também nós somos convidados a haurir da Eucaristia a força necessária para testemunhar a Verdade, sem concessões, «irenismos, sem falsos compromissos para não adular o Evangelho», como recordava Bento XVI no seu encontro com os Bispos da Alemanha (*Discurso no Seminário de Colónia, 21.8.2005*).

Em sociedades e culturas muitas vezes fechadas à transcendência, sufocadas por comportamentos consumistas, escravas de antigas e novas idolatrias, redescobrimos com admiração o sentido do Mistério eucarístico. Renovemos as nossas celebrações litúrgicas para que sejam sinais cada vez mais eloquentes da presença de Cristo nas nossas Dioceses, em particular nas nossas Paróquias; garantamos novos espaços ao silêncio, à oração e à contemplação adorante da Eucaristia, para ter em nós um verdadeiro espírito missionário vibrante.

Disse João Paulo II aos nossos irmãos Prelados de Portugal: «Como sentinelas da Casa de Deus, vigiai, estimados Irmãos, para que em toda a vida eclesial se reproduza de qualquer forma o ritmo binário da Santa Missa, com a liturgia da palavra e com a liturgia

eucarística. Sirva-vos de exemplo o caso dos discípulos de Emaús, que reconheceram Jesus só ao repartir do pão (cf. *Lc 24, 13-35*)» (*Discurso aos Bispos de Portugal em visita «ad limina Apostolorum»*, n. 6: em *L'Oss. Rom.* de 1.12.1999).

Na Eucaristia está encerrado o segredo da fidelidade e da perseverança dos nossos fiéis, da segurança e da solidariedade das nossas Comunidades eclesiais, no meio das aflições e das dificuldades do mundo. Na nossa pastoral, feita de palavras e de Sacramento, evitaremos os obstáculos do activismo, do fazer por fazer, e superaremos os ataques do laicismo e do secularismo onde Cristo não tem voz nem lugar, levando aí o *Pão de vida eterna*.

Pensemos na importância *missionária* das nossas paróquias que constituem como que o tecido de conexão das nossas Dioceses (cf. *CIC*, 374 § 1).

Pensemos em cada paróquia, que é uma *comunitas christifidelium* e que não o pode ser se não for uma *comunidade-eucaristia* e aberta aos mais distantes, isto é, se não for uma comunidade idónea para celebrar a Eucaristia com espírito de missionariedade, na qual se encontram a raiz viva do seu edificar-se e o vínculo sacramental do seu ser em plena comunhão com toda a Igreja (cf. João Paulo II, Exort. Apost. *Christifideles laici*, n. 26).

Pensemos nos párocos, que devem ser *sacerdotes ordenados*, porque fazem e dizem na Liturgia eucarística e na liturgia da Palavra o que eles «*in proprio*», «por eles», não podem fazer nem dizer; de facto, eles agem e falam «*in persona Christi capitis*». Pensemos em todos os sacerdotes, jovens e idosos, sadios e doentes, que redescobrimo o dom radical de si mesmos, ínsito no próprio ministério ordenado, podem repetir com palavras de João Paulo II: «Chegou o tempo de falar corajosamente da vida sacerdotal, como de um valor inestimável e forma maravilhosa e privilegiada de vida cristã!» (Exort. Apost. pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, 39).

Assim a Igreja da Palavra e dos Sacramentos será necessariamente a Igreja da prática infatigável do sacerdócio ministerial, será a Igreja do sacerdote santo, do sacerdote que ama na raiz da sua alma, com todo o seu ser, a chamada que recebeu do Mestre, para se comportar em cada momento como *ipse Christus*.

Bento XVI disse recentemente no seu discurso aos Bispos da Conferência Episcopal do Canadá-Quebeque em visita *ad limina Apostolorum* (11 de Maio de 2006): Contudo, a diminuição do número dos sacerdotes... nalguns lugares, chama em causa de modo preocupante o lugar da sacramentalidade na vida da Igreja. As necessidades da organização pastoral não devem comprometer a autenticidade da eclesiologia que nela se expressa. O papel central do sacerdote que, *in persona Christi capitis*, ensina, santifica e governa a comunidade, não deve ser diminuído. O sacerdócio ministerial é indispensável para a existência de uma comunidade eclesial. A importância do papel dos leigos, aos quais agradeço a sua generosidade ao serviço das comunidades cristãs, nunca deve ocultar o ministério absolutamente insubstituível dos sacerdotes para a vida da Igreja».

Nós, sacerdotes, preocupemo-nos por fazer resplandecer a nossa verdadeira, ontológica identidade, de exercer um ministério jubiloso mesmo nas dificuldades mais ásperas, um ministério ardentemente missionário porque é conseqüente à nossa identidade e, com todos os fiéis, ocupemo-nos de pedir incansavelmente ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe. Existem vocações, mas nós devemos favorecer a sua resposta positiva com estes meios, com os meios que nos foram ensinados pelo Senhor, e não com outros.

Esta é a Igreja que desejamos ver reflorescer e dar novos frutos, na sua vitalidade e actividade. Esta é a Igreja da missão divina, a Igreja *in statu missionis*.

Dirijamo-nos a Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe dos sacerdotes. Confiemos a ela a

nós próprios, o nosso ministério pastoral e cada sacerdote. À sua imitação, que ela nos ajude a ser tabernáculos e ostensórios de Jesus Bom Pastor!

**CLÁUDIO Card. HUMMES**

*Prefeito*

**@ D. MAURO PIACENZA**

*Arcebispo Titular de Victoriana*

*Secretário*